

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE
na
Rua do Hospício 85

Preço da assignatura por mez

Para a Côte 1\$000
Para as Provincias... 1\$500

AS ASSIGNATURAS
começam
no 1.º de cada mez

A DESFORRA DE UM DEFUNTO

XXIII

Sacco-de-Gêssó sentiu-se possuido de um desses sustos sem nome que só se experimentam em presença da morte... A duvida, porém, que se lhe apoderára do espirito não foi de longa duração, e quasi logo elle recuou aterrado, apertou a cabeça nas mãos e se precipitou para fôra do sótão, soltando um grito terrivel.

Em um salto, estava junto de sua mãe.

Ella achava-se alli diante delle, estendida, com os olhos cerrados e tendo no semblante de cêra a bella e calma serenidade da morte.

O rapaz ajoelhou-se junto do leito e desfez-se em pranto.

Havia muito tempo já que não lhe acontecia chorar!

Mil recordações assaltaram-lhe a mente.

O contacto da morte communica ao espirito uma especie de exaltação ficticia; eleva o coração e purifica a alma.

Sacco-de-Gêssó sentia todos esses effeitos.

Passou-lhe por diante dos olhos enternecidos a sua infancia inteira; tornou a vêr-se nos joelhos de sua mãe, á noite, junto da lareira; ella era meiga e boa naquella epocha; o pezar não lhe havia azedado o genio... a presença de seu marido fortificava-a na miseria...

Que quadro!

Sacco-de-Gêssó não podia mais conter-se, sufocava.

— E' o Sr. Dumont quem está ahi? disse por traz delle a voz da enfermeira.

Sacco-de-Gêssó approximou-se della e pegou-lhe nas mãos.

— Foi a senhora quem velou junto della esta noite? perguntou em tom doloroso.

— Eu e Francina, respondeu a velha.

— E ella está morta! morta! balbuciou o rapaz.

— Hontem a noite, continuou a velha, Francina mandou chamar-me. O dia tinha sido máo, e ella estava com receio de passar a noite sozinha junto da doente.

— Excellente alma!

— Póde dizel-o, Sr. Dumont, não é um coração qualquer aquella menina, é um coração de ouro. Se o senhor tivesse visto....

— Porém ella! ella!...

— A defunta? Não foi longa a sua agonia. Por volta da meia-noite chamou Francina, que estava a um canto chorando; tomou-a nos braços e conservou-a por muito tempo apertada ao peito... Eu vou morrer! disse-lhe, sei.

— Minha mãe!... gemeu Sacco-de-Gêssó com o peito oppresso.

— Francina queria arredar para longe della essas tristes idéas; ella, porém, sentia o seu fim approximar-se... e então um nome lhe acudiu aos labios.

— Um nome... qual? falle!

— O seu.

— E que disse ella?... Ah! não me occulte nada... quero saber tudo.

— Ella disse que o senhor a tinha abandonado, que estava em máo caminho, em cuja extremidade a vergonha e o crime o aguardavam. Depois accrescentou que o perdoava, que velaria no senhor e que lá em cima rezaria a Deus para que afastasse de seu caminho os miseraveis que o haviam perdido. Foram essas as suas ultimas palavras... cincominutos depois... tinha deixado de existir.

Sacco-de-Gêssó escutára sem interromper; por varias vezes, unicamente, cerrára os punhos crispados, e um relampago de ameaça lhe fulgurára no olhar; quando a velha acabou, elle ficou alguns segundos sem poder fallar, abatido, aterrado.

Que seria delle?... Como viver com semelhante remorso na alma?

Um ultimo olhar que elle lançou para os despojos da defunta attrahiu-o um momento para o leito funebre, e elle ia ajoelhar-se pela segunda vez, quando um ruido de passos se fez ouvir e a porta do sótão se abriu.

Sacco-de-Gêssó ergueu vivamente o rosto.

O barão de Lorsay estava em pé na entrada e acabava de avistar o crucifixo e o ramo bento em cima da mesa: descobriu-se em silencio.

— Que!... está morta!... disse pouco depois com emoção.

E, apoderando-se do ramo bento, que embebeu no copo, foi aspergir algumas gottas sobre o corpo da defunta.

— Repousa em paz, accrescentou, ó tu que recebeste o ultimo suspiro de Helena, e Deus te conceda emfim a recompensa de tua dedicação!

E conservava-se meditativo em frente do cadaver, quando sentiu que lhe apertavam timidamente a mão. Voltou-se admirado.

Era Sacco-de-Gêssó.

— Perdão, meu amigo, disse Didier, sou indiscreto talvez. Vinha procurar Francina, e sorprende-me não encontrá-la aqui, nestas circumstancias.

Sacco-de-Gêssó abanou mansamente a cabeça.

— Oh! não quero mal a Francina, senhor, respondeu elle, pois que ella tambem tem um triste dever que cumprir hoje.

— Como assim?

— Hoje é o dia 24...

— E que tem isso?

— Tem que o dia 24... é sagrado... ah! ella nunca faltou...

Uma nuvem passou pelos olhos de Didier ao ouvir taes palavras. Aproximou-se elle de Sacco-de-Gêssó, e levou-o para um canto da agua furtada.

— Ha muito tempo que o senhor conhece Francina? perguntou-lhe com vivacidade.

— Fômos criados juntos, respondeu o rapaz.

— Foi sua mãe que cuidou de ambos?

— A santa mulher! Amava Francina, como se esta fôra sua filha! e era muito natural.

— Porque?

— Pois Francina não era orphã?

— E' exacto.

— Acabava de perder sua mãe...

— Helena! Ah! diga! diga! Não era Helena que ella se chamava?

Didier não pudera conter-se... Aquelle grito de impaciencia e de amor lhe escapára máo grado seu.

Sacco-de-Gêssó encarou-o admirado.

— Então, o senhor conheceu-a? perguntou em tom suspeito.

— Eu!... respondeu Didier... bem vê que sim.

— Nesse caso... sabe tambem por que motivo Francina está ausente hoje.

— Desconfio... foi á rua Soly, não é isso?

— Justamente.

— Ao sótão vermelho.

— Que diz?

— E nesse sanctuario, sózinha, com a lembrança de sua mãe e Deus, reza por aquelle a quem jámais viu, e a quem jámais deverá conhecer...

Didier fallava com febril animação.

De vez em quando apertava a fronte, o peito lhe offegava com violencia e o seu olhar se tornava mais ardente.

Afinal não pôde mais conter-se.

— Adeus! disse bruscamente, dirigindo-se para a porta.

— O senhor se retira! exclamou Sacco-de-Gêssó atonito.

— Oh! não me detenha, meu amigo! respondeu Didier; ha quinze annos que eu esperava este momento... e eil-o finalmente chegado! Agora, um beijo de Francina, um só sorriso seu, e acreditarei que o passado é um sonho, e que eu nunca soffri nem chorei.

E sahiu correndo em direcção á rua Soly.

Tinha-se esquecido momentaneamente de todas as medidas de prudencia que a situação lhe impunha, e quando bateu á porta da tia Germana esqueceu-se de vêr se alguém o espreitava.

Ora, justamente nesse momento, em frente á casa em que elle ia entrar, dous homens occultos na sombra de um corredor seguiam com profunda attenção todos os seus movimentos.

Esses dous homens eram Pilichinello e o conde des Aiglades.

XXIV

Entretanto a porta se abrira, e a tia Germana soltára um grito ao avistar Didier.

— O senhor! o senhor aqui! exclamou a velha assustada; que imprudencia!

— Venho visitar o sótão.

— O sótão?... mas...

— Não tem a chave?

— Tenho-a, sim... mas é que...

A tia Germana balbuciava; estava perturbada e não sabia que responder.

Didier sorriu-se.

— Vamos! disse em tom benevolo; não se assuste desse modo, tia Germana. Ha alguém lá em cima, não é isso?

— Pois o senhor sabe!

— Francina, minha filha... Ah! está vendô que fiz bem em vir.

E correu para a escada.

Em um minuto subiu os cinco andares.

Quando chegou á agua-furtada, o coração lhe pulsava com força, e elle foi obrigado a parar para tomar folego.

Ouvia-se, do lado de dentro, um passo furtivo e macio.

Era Francina.

Aquelle sótão era como que o tumulto de sua mãe.

A' primeira pancada que Didier bateu, ella parou indecisa e tremula.

Quem poderia vir perturbar-a naquelle sanctuario?

A tia Germana, sem duvida; mas que lhe queria a velha?

A moça aproximou-se da porta, intrigada.

— E' a senhora, tia Germana? perguntou com voz pouco firme.

— Não é a tia Germana, respondeu Didier; é um amigo.

— Como se ahama?

— O barão de Lorsay.

A porta abriu-se.

— Terá o senhor más noticias de Gontran? perguntou Francina com um começo de inquietação.

— Não, minha filha, respondeu Didier; presentemente, não é d'elle que se trata.

— E de quem é então?

— De mim!...

Francina olhou curiosamente para o seu interlocutor, e, sem ter muita consciencia do que estava sentindo, conheceu que se achava possuida de vago susto.

Entretanto Didier sentara-se, excessivamente comovido e perturbado.

Agora que se achava em presença de Francina, hesitava e já não ousava...

— A senhora deve admirar-se, disse elle afinal com um esforço, de me vêr, a esta hora, neste sotão...

— Com effeito, Sr. barão, respondeu Francina, e procurava saber quem poderia ter-lhe dito...

— Não procure, ninguém trahiua-a... eu adivinhei.

— Como?

— Sei o que a senhora vem fazer aqui...

— O senhor?

— Eu, sim, minha filha... pois conheci também os entes que habitaram neste sotão...

— Minha mãe!...

— Pobre alma querida!...

— Mas então quem é o senhor?

Didier estremeceu e baixou os olhos sob o olhar ardente de Francina.

— Sou um amigo, respondeu elle, um amigo dedicado, a quem a senhora póde pedir o sangue e a vida, e que lh'os dará sem hesitar, ao primeiro gesto ou ao primeiro appello.

— Senhor!

— Se soubesse a que sentimento obedeço fallando-lhe assim! Ah! sua mãe me approvaria se ella me pudesse ouvir.

— Então o senhor conheceu-a? perguntou timidamente Francina.

— Amei-a!

— Mas nesse caso...

E Francina cruzou os braços no peito, ao passo que Didier envolvia-a em tremulo olhar.

— Ouça-me, minha filha, disse-lhe em tom compenetrado: entre as reminiscencias de seu passado ha uma que deve algumas vezes apresentar-se á sua memoria. Nunca pensou naquella a quem sua mãe amou?

— Oh! muitas vezes!

— Esse foi também muito infeliz...

— Mas morreu!... exclamou Francina offegante.

Didier tornou-se horivelmente pallido.

— Foi sua mãe quem lh'o disse? perguntou elle em voz que a emoção estrangulava.

— Não... não sei... não me lembro...

— Mas... se a houvessem enganado?... Se elle não tivesse morrido, se houvesse sobrevivido a todas as amarguras, a todas as dôres que soffreu?

— Seria possível?

— Responda, Francina! diga-me principalmente que acolhimento reservaria a esse desventurado.

— O senhor pergunta-o?

— Estou esperando a sua resposta.

— Ah! Deus me é testemunha de que ha muito tempo eu não teria tido alegria mais pura, nem tamanha!

Didier levantou-se.

No momento, porém, em que ia fallar, a porta do sotão abriu-se bruscamente, e Germana appareceu, com a physionomia alterada.

— Fuja! fuja! exclamou, na maior desordem; seguem-me ahi!

— Quem? perguntou Didier.

— Louvet!

— Mas que quer elle?

— Vem prendel-o. O senhor não tem um momento a perder. Fuja pelo telhado! não o encontre elle aqui!...

Didier fez um gesto violento de colera; não havia alli sahida praticavel: julgou-se perdido!

— Acompanhe-me!... disse nesse momento ao seu ouvido uma voz rapida.

Era Francina que fallava. Didier obedeceu.

Nem uma palavra foi trocada entre elles durante o trajecto. Tinham sahido do sotão, haviam-se embrenhado em um corredor escuro e estreito, e só pararam em frente a uma porta, em que Francina bateu tres pancadas.

A porta abriu-se e appareceu um velho.

— Por sua vida, disse-lhe Francina com voz cheia de autoridade; por sua vida, está ouvindo? confio-lhe este homem, e o senhor me responde por elle!...

O velho inclinou-se em signal de acquiescência.

— Mas quem é este homem? perguntou elle sorprendido.

Em vez de responder, Francina lançou-se nos braços de Didier.

— Meu pai! meu pai! exclamou rompendo em soluços. Ah! vele Deus sobre o senhor e conserve-o para sua filha!

O momento, porém, era critico; já se ouvia o rumor de passos que subiam a escada, e era mister pôr termo aquellas expansões.

Didier affastou-se, pois, arrastado pelo velho, e Francina voltou apressadamente para a sua agua furtada.

Acabava ella apenas de alli chegar, quando a cara de Louvet apparecia no ultimo degráo da escada.

XXV

Louvet era acompanhado por tres acolytos.

Apenas pôz o pé no patamar, olhou para todos os lados, e caminhou sem hesitação para a agua-furtada, na qual entrou.

A primeira impressão foi viva, tão viva, que elle não pôde deixar de manifestal-a.

— Oh! oh!... exclamou dando uma volta pelo aposento; é uma joia esta habitação... é seu este ninho, minha menina?

Francina tinha recuperado toda a sua presença de espirito; a consciencia do perigo tornava-a forte; com um olhar altivo mediu ella Louvet de alto a baixo.

— Que deseja o senhor? perguntou com sobrançeria; e desde quando se entra assim na casa dos outros?

— Olé! disse o agente; pois a menina se enfada porque se lhe fazem cumprimentos?

— Estou esperando que me explique a sua presença em minha casa, insistiu Francina.

— Faz muito empenho nisso? pois bem! vamos satisfazer-lhe a vontade. Olá, Mimoso!... Vejamos se ha por aqui alguma porta de sahida, ou se se póde escapar pela seteira.

O individuo a quem chamavam Mimoso, e que era um latagão de seis pés de altura, magro, esfalfado, de rosto picado de bexigas, aproximou-se ao ouvir aquella ordem, e em um apice sondou as paredes, sacudiu os moveis e examinou a trapeira.

— Se o passaro esteve aqui, disse elle, não esperou por nós para desprender o vôo.

— Estás bem certo? perguntou Louvet.

— Certissimo.

— Nesse caso, vamos adiante...

E, complimentando a Francina com exagerada polidez:

— Minha senhora, disse, apresento-lhe as minhas humildes desculpas, e peço-lhe que considere a nossa visita como nulla.

E afastou-se.

Não tinha elle, porém, dado dous passos fóra do sotão, quando Francina ouviu Mimoso soltar uma exclamação de alegria.

E ella pôz-se a escutar.

— Que é? perguntára Louvet.

— Uma pista...

— Onde?

Mimoso inclinou-se para o patamar e indicou a Louvet varios signaes de passos que se dirigiam para a porta do corredor.

— Não ha duvida! disse Louvet approvando com o gesto.

E encaminhou-se resolutamente para a agua-furtada onde Didier encontrára refugio.

Uma vez alli chegado, bateu á porta

Ninguém respondeu, embora elle houvesse batido com uma certa autoridade.

— Bem! conheço a cousa... murmurou Louvet; vamos, Mimoso, isto é contigo; mãos á obra!

Mimoso tirou do bolso um instrumento, e começou a trabalhar na fechadura.

Parece, porém, que a cousa não era tão facil como a principio elle o suppunha; porque, depois de repetidos ensaios infructiferos, viu-se constangido a renunciar ao seu intento.

— Então?... perguntou Louvet.

— E' impossivel, respondeu Mimoso; quebraram alguma cousa na fechadura...

— Então, cumpre recorrer aos grandes meios...

— Estamos ás suas ordens.

— Nesse caso apressa-te, pateta! temos perdido

já um tempo precioso, e, se nos demorarmos mais, elle desaparecerá!

Mimoso não se fez rogar, e, cinco minutos eram apenas passados, quando a porta, arrancada dos seus gonzos, dava aos agentes passagem franca.

A agua-furtada em que elles entraram nada de notavel apresentava. Estava quasi nua.

A um canto, uma pessima cama; ao lado, uma mesa sem um dos pés; algumas cadeiras estragadas, e em frente á porta da entrada um velho armario de pinho.

O exame foi rapido.

Mimoso tinha-se dirigido em primeiro logar á trapeira; mas, como a da outra agua-furtada, era a desta tão estreita que, se bastava para dar duvidosa claridade ao aposento, não permittiria que por ella passasse um homem.

— E' estranho isto! murmurou Louvet.

Mimoso acabava de abrir a porta do armario; esta ultima esperanza, porém, devia ser illudida como as demais.

— Ninguém se mova daqui! disse de repente Louvet, como ferido por subita idéa.

E, descendo a escada quatro a quatro, em poucos momentos chegou ao pavimento terreo.

— Então? perguntou a tia Germana, logo que o avistou; achou a pessoa que procurava?

Louvet contrahiou o sobr'olho.

— Não achei ninguém! respondeu bruscamente.

— Quando eu lh'o dizia!... pois se não vi subir pessoa alguma!...

— Está bom! está bom!... a esse respeito depois fallaremos; por enquanto é de outra cousa que se trata...

— De que é então?

— Quem é que mora na agua-furtada que fica ao fundo do corredor?

A tia Germana ergueu os olhos para o seu interlocutor.

— Ora esta! respondeu ella; o senhor faz-me perguntas exquisitas!

— Como assim?

— Pois eu sei quem é o homem que mora ahi?... não o conheço.

— E' então um novo inquilino?

— Novo! ha vinte annos que reside nesta casa.

— Mas como se chama?

— Elle tem apenas uma alcunha.

— Emfim, que alcunha é?

— Chama-n'o o pai *Trapeira*.

Louvet ficou pensativo.

O pai Trapeira!... Esse nome trazia-lhe á lembrança uma antiga reminiscencia de policia que havia muito tempo lhe andava ausente da memoria.

(Continúa no proximo numero.)